



Vila Franca de Xira **SABER MAIS SOBRE ...**



Museus

A colecção Vila Franca de Xira – saber Mais Sobre..., criada pela Câmara Municipal, dá corpo a um dos objectivos primordiais da autarquia, que é o de comunicar e educar, divulgando, no âmbito do Museu Municipal, os resultados de pesquisas efectuadas. A intenção é dinamizar, através dessas investigações, uma consciência patrimonial activa, potenciando os recursos concehios nessa área e o desenvolvimento local.

As atenções dirigem-se sobretudo para a divulgação de estudos sobre cultura local, erudita ou popular, muitas vezes só guardada até aí pela tradição oral, o património edificado e a História de carácter identitário da região e das suas comunidades, capazes de interessar a diferentes tipos de públicos. São livros de fácil acesso e consulta, destinado a quem nos visita ou contacta.

As edições, basicamente informativas, abordarão temáticas variadas, das Feiras, Festas e Romarias aos museus, instituições relevantes da sociedade civil, equipamentos municipais ou espaços públicos de lazer, cultura e recreio. Em cada item a tratar será apresentada a sua raiz histórica e fornecidos os elementos facilitadores da orientação dos públicos que não conhecem o Concelho.

Vila Franca de Xira **SABER MAIS SOBRE ...**

MUSEUS DO CONCELHO

Volume 4

FICHA TÉCNICA

Título original

Vila Franca de Xira – Saber Mais Sobre...
Museus do Concelho

Autor

Orlando Raimundo

Edição

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Praça Afonso de Albuquerque, 2
2600 – 093 Vila Franca de Xira

Coordenação Editorial

O Correr da Pena – Comunicação, Marketing,
Edições
Praceta Capitão Américo dos Santos, 7 – 2º
Dtº
2735-049 Agualva-Cacém

Parceria

O Correr da Pena – Comunicação, Marketing,
Edições
e Terra Branca, Comunicação Social, Lda.
Rua 31 de Janeiro, 22
2005-188 Santarém

Pesquisa

José Alexandre

Apoio Documental

Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Revisão

Maria Manuela Alves

Fotografia

C. Agostinho, Eurico Vasconcelos, H. Dias, M.
Aurélio, J. Levezinho, R. Caetano, Rui Navar-
ro, Sara Cardoso, V. Cartaxo e bancos de ima-
gens do Gabinete de Gestão de Informação e
Relações Pública da Câmara Municipal de Vila
Franca de Xira, Museu de Alhandra, Museu do
Neo-Realismo e O Correr da Pena

Capa e Paginação

CMVFX/GGIRP

Impressão

Colibri – Artes Gráficas

1ª Edição: Julho de 2010

© O Correr da Pena e Câmara Municipal de
Vila Franca de Xira, 2009

ISBN: 978-989-8254-07-8

Depósito Legal: 312 645/10

ÍNDICE

PREFÁCIO

9 Introdução; Olhar o passado com saudades do futuro

PARTE I: MUSEUS MUNICIPAIS

- 13 Museu do Neo-Realismo
- 17 Homens que disseram “não”
- 19 Museu Municipal de Vila Franca de Xira
- 22 O legado de Diogo Baracho
- 23 Das comunidades pré-históricas à industrialização
- 24 Vidal Baptista, o coleccionador compulsivo
- 25 Uma Oficina Educativa ao serviços das escolas
- 27 Barco Varino “Liberdade”
- 29 Núcleo Museológico de Arte Sacra
- 31 D. Sebastião e a Peste Negra
- 33 Núcleo Museológico de Alverca
- 35 Irmão do Marquês salvou o edifício

PARTE II: CASAS-MUSEUS

- 39 Casa-Museu Mário Coelho
- 40 Três mil touros lidados
- 41 Profissão: matador
- 43 Casa-Museu Dr. Sousa Martins
- 45 O médico milagreiro
- 46 Os escritores de Alhandra
- 47 Descobrir Afonso de Albuquerque
- 48 O jacobino, o príncipe e o herói
- 49 Uma família com história

ÍNDICE

PARTE III: OUTROS MUSEUS E COLECÇÕES

- 53 Museu do Ar
- 55 Memórias da Guerra e da Paz
- 57 Colecção de Arte Sacra Orlando D'Almeida Vieira
- 59 Museu Etnográfico de Vila Franca de Xira
- 61 Colecção Etnográfica da Casa do Povo de Arcena

- 63 Bibliografia

O 3.º volume da Coleção “Vila Franca de Xira, Saber mais sobre...” consegue os prazeres da boa mesa. Dedicado à Gastronomia, este guia desperta os nossos sentidos e estimula a imaginação em torno dos cheiros, cores e sabores que tão bem caracterizam a nossa cozinha tradicional.

Através das receitas tradicionais, é bem visível como qualquer receita é muito mais do que a soma dos ingredientes que a integram e o seu modo de preparação. Cada prato tem a sua história e identidade próprias, a pessoa que em dia o inventou e cozinhou espelhou nele a sua realidade, a sua vida, a sua cultura, o seu percurso de vida. E é por isso que quando falamos de Sável Frito com Açorda de Ovas temos que falar de Vila do Tejo e dos Avieiros, se falamos do Cozido de Carnes Bravas falamos é claro, a Lezíria e os Gai-béus. Pela Gastronomia conhecemos a cultura dos povos, e esse conhecimento adquire-se não só pela vista, o cheiro e o paladar.

Neste Guia damos a conhecer alguns dos sabores que são próprios da nossa região, os que têm presença nas Campanhas de Gastronomia do Município de Vila Franca de Xira promove em Março e em Novembro de cada ano, com a colaboração dos restaurantes aderentes, um programa por todo o Concelho.

Por tudo isto, é com muito gosto que aproveitamos a oportunidade para lhe dirigir dois convites num primeiro lugar, descubra um pouco mais sobre a nossa cultura e as nossas gentes; e de seguida, venha visitar-nos, sente-se à nossa mesa e desfrute das delícias que estarão prontas a servir. Bom apetite!

A Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira



Maria da Luz Rosinha

PORTUGAL
25 abril
1974



INTRODUÇÃO

OLHAR O PASSADO COM SAUDADES DO FUTURO

Se “o destino morreu de repente”, como ironizava o escritor Alves Redol, é em cima do futuro que temos de procurar o futuro e não debaixo do passado. Mas o sucesso da expedição exige saber quem somos, de onde viemos, que experiências juntámos. Aos lugares dessa memória chamamos museus.

Os museus municipais, as Casas-Museus e as colecções museológicas, etnográficas e sacras existentes não apenas na cidade de Vila Franca de Xira mas, também, em Alhandra, Alverca e Arcena, que a Associação Portuguesa de Museologia elogia e aplaude, são espaços privilegiados de descoberta, testemunhos eloquentes da importância histórica do concelho.

O Museu Municipal de Vila Franca de Xira, com os seus quatro núcleos, é o navio almirante de uma frota poderosa, que convida a viajar pela Literatura, a Arqueologia, a Etnografia, a Arte Sacra, a Aeronáutica, a vida e obra de homens singulares como Soeiro Pereira Gomes, Sousa Martins, Vidal Baptista, Mário Coelho.

Capital portuguesa da Festa Brava e da cultura tauromáquica e sede permanente da Confederação Mundial das Cidades Taurinas, Vila Franca de Xira irá ter brevemente o tão desejado Museu da Tauromaquia. O espaço até agora ocupado pelo Museu Etnográfico da cidade, na Praça de Touros Palha Blanco, é a possibilidade que está a ser estudada.

Os museus de Vila Franca de Xira oferecem uma fabulosa viagem na máquina do tempo – da Idade do Ferro ao admirável século XX, passando pela ocupação romana, a Idade Média, a Revolução Industrial. É assim que se preserva a memória e se transforma informação em saber.

O Autor



PARTE I

Museus Municipais



neorealismo

MUSEU DO NEO-REALISMO

Rua Alves Redol, 45
(Vila Franca de Xira)

Fiel depositário de alguns dos mais importantes documentos produzidos ou gerados em Portugal pelo neo-realismo, o movimento literário que liderou durante décadas a resistência de escritores e artistas ao Estado

Novo, o Museu do Neo-Realismo está aberto ao público desde 2001. A sua criação resultou da persistência de um Centro de Documentação, criado precisamente para preservar aquela memória histórica.



No início foi sobretudo um arquivador de bibliografias e documentos avulsos, relativos basicamente ao período compreendido entre 1930 e 1960. Passou depois a reunir espólios literários e editoriais, arquivos impressos e audiovisuais, acervos iconográficos, obras de arte, colecções particulares de livros e uma biblioteca especializada na temática neo-realista. A sua actividade está

hoje mais direccionada para o estudo dos vários movimentos culturais e de ideias que marcaram o século XX português, embora mantenha inalterada a disponibilidade para a divulgação e o apoio à investigação do tema inicial.

A abertura a outras correntes literárias, artísticas e de pensamento está associada a uma grande disponibilidade para acolher investigadores na-



cionais e estrangeiros. Foram já assinados, de resto, nesta área, protocolos de colaboração com a Biblioteca Nacional, o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e a Universidade Lusófona.

O edifício de quatro pisos onde está instalado desde 2007, na rua que tem o nome de Alves Redol, bem no centro da cidade de Vila Franca de Xira, foi projectado para esse fim pelo arquitecto Alcino Soutinho. O piso zero é ocupado pelo serviço educativo e as áreas técnicas e admi-

nistrativas. No piso 1 existe um auditório com 100 lugares, vocacionado para acolher debates, conferências e colóquios; espaços de exposição, biblioteca temática, sala de audiovisuais, livraria e cafetaria. Os pisos 2 e 3 estão destinados a mostras de longa duração. A exposição permanente intitula-se “Entre a realidade e a utopia - o movimento neo-realista”. O museu está estruturado em dois grandes pólos: um documental, outro expositivo. O primeiro é preenchido essencialmente pela biblioteca



especializada na temática neo-realista, onde existem várias primeiras edições e os romances, livros de poesia e de teatro escritos pelos autores da corrente, bem como ensaios de críticos literários, investigadores e outros autores. A bibliografia disponibilizada abrange todas as áreas, da ficção à História e à Política, passando pela poesia, teatro, cinema e artes plásticas.

Estão ali ainda integradas as bibliotecas particulares de alguns escritores, monografias, dicionários, enciclopédias e publicações periódicas da época de ouro do neo-realismo. O espaço expositivo mostra, através de imagens e objectos, aquele que foi um dos mais marcantes e activos movimentos da História da Cultura

Portuguesa Contemporânea, que ocupou metade do nosso século XX. Acessível a estudiosos e investigadores estão cinco tipos de arquivos: um Fotográfico (negativos, diapositivos, originais e reproduções); outro Gráfico (catálogos, folhetos, cartazes, brochuras e postais); um terceiro de Recortes de Imprensa (jornais e revistas) e Multimédia (vídeo, áudio e digital); e, por último, um Arquivo de Avulsos, constituído por documentação legada por particulares. Tem ainda uma área dedicada às artes plásticas (pintura, desenho, gravura, escultura e artes decorativas), de alguns dos maiores nomes da arte portuguesa do século XX. O museu elege como seus usufrutuários principais as escolas e os



investigadores, mas está disponível também para colectividades, Instituições culturais e científicas, cidadãos em geral. Os interessados poderão solicitar visitas guiadas às exposições e oficinas educativas, consultar fontes, reproduzir documentos em suporte de papel ou informático; visionar filmes (vídeo/DVD), ouvir gravações discográficas e adquirir livros e catálogos. A internacionalização, através coo-

peração com o Brasil, a Espanha e a Itália onde a questão do neo-realismo teve também grande importância, é agora a meta.

Horário e Contactos:

Terça a Sexta, das 10 às 19

Domingo, das 11 às 18

Tel: 263 285 626

neorealismo@cm-vfxira.pt

www.museudoneorealismo.pt

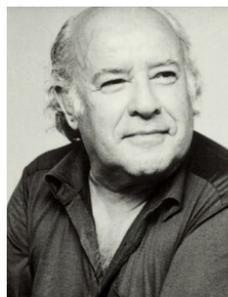
HOMENS QUE DISSERAM “NÃO!”

O Museu do Neo-realismo tem à sua guarda os espólios de alguns dos autores mais importantes do movimento, homens que ousaram dizer “não” ao Estado Novo e com esse gesto ajudaram a reerguer o edifício da Liberdade e da Democracia. Desde logo, Alves Redol. Mas também Manuel da Fonseca e Soeiro Pereira Gomes. A maioria desses escritores perfilhava a ideologia comunista, como Alexandre Babo, Alexandre Cabral, Antunes da Silva ou Armindo Rodrigues. Lá figuram três homens muito estimados em Vila Franca de Xira, como Júlio Graça, primeiro director do museu; o médico e pedagogo Arquimedes da Silva Santos, já homenageado pela Câmara Municipal; e o dramaturgo Carlos Coutinho, vereador da autarquia.

Alguns são autores de referência em áreas tão importantes quanto a literatura sobre a Guerra Colonial, como Manuel Campos Lima, ou a Emigração, como Joaquim Lagoeiro. Há escritores de origem africana, como Orlando Costa; grandes resistentes das frentes cultural política e universitária, como Mário Sacramento, Joaquim Namorado, Álvaro Feijó, Faure da Rosa, Garcez da Silva, Jorge Reis, José Ferreira Monte, Leão Penedo e Mário Braga.

Doadas foram também ao museu obras de pintores e ilustradores famosos como José Dias Coelho, Júlio Pomar, Lima de Freitas, Rogério Ribeiro, Querubim Lapa, Mário Dionísio, Nuno San Payo, Manuel Ribeiro de Pavia, Cipriano Dourado, Avelino Cunhal, Alice Jorge, Tereza de Arriaga, Rui Filipe, Jorge de Oliveira; da escultora Maria Barreira e do arquitecto Castro Rodrigues.

Lá se encontram também representações da revista *Vértice* e da editora *Cosmos*. Os Arquivos Fotográficos, Gráfico e de Imprensa reúnem também uma vasta colecção documental, com destaque para as edições dos jornais *Horizonte* e *O Diabo*.



Alves Redol
Sоеiro Pereira Gomes
Manuel da Fonseca



MUSEU MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

Rua Serpa Pinto, 65

(Vila Franca de Xira)



O Museu Municipal de Vila Franca de Xira, que tem a sede e núcleo principal instalada no palacete setecentista da Rua Serpa Pinto, no centro da cidade, tem o espólio repartido por mais três núcleos, numa exemplar aplicação dos princípios da descentralização cultural. É o herdeiro e continuador da biblioteca criada em 1947 pelo advogado e coleccionador vilafranquense Vidal Baptista.

Abriu pela primeira vez ao público em 1951, na Praça Afonso de Albuquerque, frente ao edifício da Câmara, com a denominação de Biblioteca-Museu Dr. Vidal Baptista, disponibilizando os livros reunidos pelo fundador e uma diversidade de objectos por ele coleccionados sobre Vila Franca de Xira e a devoção a Santo António de Lisboa. A sua

intensa actividade foi-se extinguindo aos poucos, após a morte de Vidal Baptista em 1972, acabando por fechar portas em 1980. Só voltou a abrir em 1985, já no palacete onde funciona a sede, por acção directa do município.

Possui três núcleos mais: o Barco Varino Liberdade, a navegar no Tejo desde 1988; o Núcleo Museológico de Alverca, criado em 1990; e o Núcleo de Arte Sacra, instalado desde 2001 na antiga Igreja do Mártir Santo São Sebastião, em Vila Franca de Xira.

O acervo global é constituído por colecções de arqueologia, arte sacra, aquarela, azulejos, cartazes, desenhos, escultura, fotografia, guache, gravura, numismática, pintura e têxteis. Para além dos inúmeros



documentos à sua guarda, conserva ainda objectos representativos da etnografia, epigrafia e património industrial e o espólio do pintor Júlio Goes, ilustrador de alguns dos livros de Alves Redol, como *“Glória, uma aldeia do Ribatejo”*, de 1938, constituído por desenhos e aguarelas sobre temas tauromáquicos e as lezírias de Vila Franca de Xira. A colecção arqueológica reúne os materiais recolhidos na Villa romana de Povos (moedas, lucernas, tesselas e alfinetes) e as ânforas recolhidas no rio Tejo. A colecção fotográfica junta mais de 6000 imagens sobre o património do concelho e as actividades económicas, sociais e domésticas, do século XIX aos dias de hoje.

Para além de conservar e reabilitar o património à sua guarda, o museu edita estudos sobre a história das comunidades concelhias. Alguns desses documentos são registos escritos da memória reproduzida oralmente pelos habitantes mais idosos. Edita, ainda, o Boletim Cultural Cira e catálogos explicativos das exposições permanentes, patentes nos diferentes núcleos, e das exposições temporárias que organiza. Integrados na colecção Património Local, são já perto de uma dezena os livros publicados, da autoria de investigadores como João Amaral, Lino de Macedo, Guilherme Henriques, José Costa e

Anabela Ferreira.

O Centro de Documentação guarda todas as edições do museu, recortes de Imprensa e documentos de exposições, festividades e trabalhos de conservação e restauro patrimonial e museológico. Associada a ele, existe uma pequena Biblioteca, onde estão depositadas obras de referência, nas áreas da Antropologia, Arqueologia, Arte, Etnografia e História.

Horário e Contactos:

Terça a Domingo

das 9.30 às 12.30

e das 14 às 17.30

Tel: 263 280 350

Email:

museumunicipal@cm-vfxira.pt

Site: www.museumunicipalvfxira.org





O LEGADO DE DIOGO BARACHO



A sede do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, com a actual configuração, encomendada pela autarquia ao arquitecto Cândido Chuva Gomes, foi reinaugurada e reaberta ao público em Setembro de 2003. O histórico palacete da Rua Serpa Pinto foi mandado construir em 1755 pelo Desembargador Diogo Baracho, descendente do cavaleiro da Casa d'el Rei com o mesmo

nome, que em 1521 foi nomeado por D. Manuel I alcaide das Lezírias de Vila Franca de Xira. A entrada faz-se pela antiga capela da Senhora do Monte do Carmo, originalmente tripartida e centrada na Igreja com o mesmo nome, cuja estrutura foi conservada. Revitalizado o conjunto, em 2001 passou a integrar a Rede Portuguesa de Museus.

DAS COMUNIDADES PRÉ-HISTÓRICAS À INDUSTRIALIZAÇÃO



A exposição de longa duração do Museu Municipal de Vila Franca de Xira – “Tempos do Rio, Ecos da Terra” – mostra, através de painéis explicativos e objectos diversificados, aspectos relevantes da História e do património vila-franquense. É uma narrativa surpreendente do modo como se processou a ocupação humana do concelho de Vila Franca de Xira, das comunidades pré-históricas à industrialização. A trajectória espaço-temporal é exemplarmente ilustrada com as peças

arqueológicas à guarda do museu e os objectos patrimoniais encontrados nas escavações arqueológicas realizadas na zona, já devidamente estudados.

O núcleo-sede da Rua Serpa Pinto possui ainda um Auditório, onde se realizam regularmente colóquios, em que participam investigadores, especialistas e professores. Nesse espaço realizam-se também concertos, apresentações teatrais e sessões culturais de projecção multimédia.

VIDAL BAPISTA, COLECCIONADOR COMPULSIVO



Advogado e filantropo, António Vidal Baptista nasceu em Vila Franca de Xira em 1909. Homem generoso e culto, este colecionador compulsivo, falecido aos 63 anos, reuniu em vida mais de três mil peças, doadas por sua vontade expressa à terra onde nasceu, hoje à guarda do Museu Municipal.

Foi ele quem criou, com os livros de que mais gostava, em 1947, com a ajuda de Luís de Carvalho, Tesoureiro da Fazenda Pública da Câmara, a primeira biblioteca pública de Vila Franca de Xira. Dois anos depois acrescentou aos livros as suas colecções de objectos, transformando-a em Biblioteca-Museu com o seu nome, assumindo naturalmente a direcção.

A Biblioteca-Museu Dr. Vidal Baptista, que deu origem ao actual Museu Municipal de Vila Franca de Xira, funcionava num prédio fronteiro à Câmara Municipal, na Praça Afonso de Albuquerque. A área de exposições reunia peças representativas da arte do toureio, moedas antigas, pinturas e mais de mil objectos relativos ao culto de Santo António de Lisboa, que viveu nos séculos XII e XII. Entre esses objectos, uns mais eruditos, outros mais populares, figuram esculturas do século XVIII e trabalhos em cerâmica e em barro.

UMA OFICINA EDUCATIVA AO SERVIÇO DAS ESCOLAS



No Museu Municipal de Vila Franca de Xira funciona uma Oficina Educativa, lúdico-pedagógica, onde as crianças assistem a espectáculos de teatro de sombras e fantoches, e fazem experiências em cerâmica e azulejaria. As sessões, organizadas segundo o princípio da marcação prévia, foram pensadas para servir aos objectivos educativos das escolas do concelho de Vila Franca de Xira. À disposição da pequenada há jogos didácticos. Animação musical e material para exercitar talentos de desenho e pintura. Os serviços educativos do Museu organizam, em colaboração com

os professores, visitas guiadas às exposições e ao património do concelho, emprestam às escolas maletas pedagógicas, promovem colóquios e estabelecem programas de educação patrimonial. O leque de possibilidades é vasto, uma vez que o edifício possui, para além do espaço destinado à exposição permanente, duas outras salas de exposições temporárias.



BARCO VARINO 'LIBERDADE'

(Cais de Vila Franca de Xira)

Adquirido pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira em 1988, para usufruto da população, o barco varino "Liberdade" é a porta de acesso a uma viagem por fragmentos da memória de um povo com grandes tradições ribeirinhas. Desde a Idade Média que o Tejo possui embarcações de transporte de pessoas e distribuição de mercadorias, de múltiplos formatos e dimensões.

A entrada em funcionamento do "Liberdade", que as escolas e as associações recreativas usam para passeios no rio, orientados pelo Museu Municipal, marca um momento importante do processo de descentralização cultural. Foi num barco como este que os intelectuais oposicionistas conspiraram contra Salazar, nos anos mais duros da ditadura do Estado Novo. A ideia partiu de Alves Redol, e foi ensaiada múltiplas vezes, envolvendo grandes figuras da resistência, como Soeiro Pereira Gomes, Bento de Jesus Caraça, Manuel da Fonseca, Dias Lourenço ou Sidónio Muralha. Ao largo podiam falar à vontade, sem medo de ser ouvidos pela Pide. Entre dois copos de vinho e uma sardinha assada planeavam a luta política.

Construído em 1945 em Rio de Moinhos, este barco já transportou vinho, madeira, tomate, lixo e sal. Restaurado várias vezes, a última



das quais em 1997, nos estaleiros Ria Marine de Aveiro, o "Liberdade" é um objecto raro, já que só existem em todo o mundo nove barcos como este. Decorado com motivos populares, tem 18 metros de comprimento, pesa 40 toneladas e tem lotação para 40 pessoas. Gratuito para grupos escolares do concelho de Vila Franca de Xira, e crianças até aos 10 anos, os passeios fazem-se nele mediante marcação prévia.

Horário e Contactos:

Todos os dias de Maio a Novembro
Turismo de Vila Franca de Xira
Rua Dr. Manuel de Arriaga, 24
Tel: 263 285 600 e 263 285 605
Email: turismo@cm-vfxira.pt



NÚCLEO MUSEOLÓGICO DE ARTE SACRA

Rua Dr. Miguel Bombarda
(Vila Franca de Xira)



Os objectos de culto deixados pelos devotos, em agradecimento pelas graças concedidas, são algumas das peças mais interessantes do Núcleo Museológico de Arte Sacra de Vila Franca de Xira. O museu funciona num espaço a todos os títulos apropriado: a antiga Igreja do Mártir Santo São Sebastião, bem no centro da cidade.

Aos olhos do visitante surge o esperado e o surpreendente, de alfaias a pinturas, esculturas, gravuras, peças originais de barristas portugueses, confissões íntimas e pessoais, ex-votos deixados na Ermida do Senhor da Boa Morte, medalhas. Alguns dos objectos são verdadeiras obras de arte, nem sempre alinhadas com os pressupostos estéticos e a ideologia oficial da Igreja Católica.

Para além de se deliciarem com a visão da abóbada de canhão do tecto da capela-mor do templo, em estuque pintado, e com o belo retábulo *rocaille* em talha dourada, os visitantes podem aprender muito sobre a vida, a obra e o culto de Santo António de Lisboa, em destaque. Uma das propostas dessa descoberta são os objectos da colecção antoniana reunida pelo Dr. Vidal Baptista, que inclui esculturas do século XVIII e trabalhos em cerâmica e barro. A outra é a de um olhar simples, sem grandes artificios, sobre os supostos milagres do frade franciscano, tal como o povo os vê e os artistas interpretaram. Exposta está ainda uma escultura alusiva ao Calvário, proveniente do antigo Palácio da Vilafrancada.



O Núcleo museológico possui um serviço educativo, criado a pensar na comunidade escolar do concelho, que realiza visitas guiadas à exposição, a pedido dos professores. E promove actividades de animação com fantoches, e oficinas onde as crianças podem fazer trabalhos em barro, desenhos e pinturas.

Horário e Contactos:

Terça a Domingo

das 9:30 às 12:30

e das 14 às 18

Tel; 263 280 350

museumunicipal@cm-vfxira.pt

www.museumunicipalvfxira



D. SEBASTIÃO E A PESTE NEGRA



Mandada construir em 1576 por D. Sebastião, porventura o mais fervoroso dos monarcas portugueses, no rescaldo da Peste Grande de 1569, a Igreja do Mártir Santo S. Sebastião passou por várias modificações até ser o que hoje é. Destruída pelo Terramoto de 1755, foi reconstruída pouco depois com uma só nave. Até ao século XIX acolheu algumas actividades culturais, mas degradou-se com o tempo. Encontrava-se à beira da ruína quando, em 1990, foi tomada a decisão de a salvar. Já fechada ao culto, foi classificada como imóvel de valor concelhio e destinada a funcionar como museu de arte sacra. Entrou em obras de recuperação e

reconversão em finais do século XX, reabrindo ao público como museu, sob a responsabilidade da autarquia, em 2001.

Durante os trabalhos de recuperação foram ali encontradas ossadas, a confirmar o facto de Portugal ter decidido, durante séculos, enterrar os mortos nas igrejas. Mas as escavações descobriram mais: estruturas em pedra, centenas de pedaços de cerâmica e uma conduta de água, que se presume ter feito parte do terceiro aqueduto pombalino da região de Lisboa. Alguns desses objectos foram classificados e encontram-se hoje ali expostos, completando-se com eles a exposição permanente.



NÚCLEO MUSEOLÓGICO DE ALVERCA

Praça João Mantas
(Alverca do Ribatejo)



Instalado nos edifícios das antigas Casa da Câmara e Casa do Ferrador, na Praça João Mantas, onde hoje se ergue o pelourinho manuelino, o Núcleo Museológico de Alverca abriu ao público em 1990, e foi remodelado, ampliado e reinaugurado em 2007. O espólio, de matriz etnográfica, industrial e arqueológica, é constituído por fotografias e objectos representativos das actividades laborais exercidas pelas populações da zona. Muitas das peças foram generosamente doadas pelas instituições e pelas famílias mais antigas de Alverca do Ribatejo, que abriram mão de relíquias dos antepassados. Há alfaias, muitos utensílios e equipamentos usados nas tarefas diárias. E a recolha continua.

A parte arqueológica, exposta no piso térreo, é constituída por ob-

jectos encontrados no decurso das obras de ampliação e noutras intervenções arqueológicas realizadas na urbe e arredores. E ali se conta também a história do edifício.

A exposição permanente, sobre a terra e as gentes, mostra como era o quotidiano dos alverquenses no passado, com destaque para as actividades tradicionais. Há referências à produção de queijo, azeite e vinho e à extracção de sal nas muitas salinas exploradas na zona.

Para além do espaço dedicado às exposições, o museu dispõe de auditório para colóquios, oficina educativa, centro de documentação e uma loja. O espaço dedicado às crianças e jovens estudantes promove sessões temáticas. As escolas recorrem muitas vezes ao Serviço Educativo, para organiza-



rem os seus próprios programas. Prontas a consumir estão as Lendas de Alverca, do castelo e da Fonte do Choupal, recriadas pelo teatro de sombras; à História da Alimentação; e narrativas relacionadas com as actividades tradicionais, as vias de comunicação, os quadrantes solares, as Invasões Francesas e o abastecimento de água ao concelho.

O centro de documentação disponibiliza informação sobre a história e o património, tanto em suporte de papel como em suporte informático.

Horário e Contactos:

Terça a Sexta e Domingo, das 10 às 18.

Sábados das 15 às 19.

Tel. 219 570 305



IRMÃO DO MARQUÊS SALVOU O EDIFÍCIO



O edifício quinhentista da antiga Casa da Câmara, no velho Rossio, onde está instalado o Núcleo Museológico de Alverca, destruído pelo Terramoto de 1755, foi salvo da ruína e mandado reconstruir pelo mais chegado dos onze irmãos do Marquês de Pombal. Paulo de Carvalho e Mendonça, Monsenhor da Patriarcal de Lisboa e Provedor das Capelas de D. Afonso IV, instituição a que o concelho de Alverca estava ligado, assumiu directamente, com o conhecimento de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês, então chefe do Governo de D. José I, a intervenção providencial.

O edifício, que acolheu até 1855 a extinta Casa da Câmara, deverá ter sido construído na Década iniciada em 1520, não se sabe se ainda du-

rante o reinado de D. Manuel I ou já na vigência de seu filho, D. João III. A História faz dele próprio uma peça de museu. No centro da parede lateral é ainda visível o brasão da Rainha D. Mariana Victória de Bourbon, mulher de D. José I, e a lápide, colocada em 1764 para assinalar a reconstrução. Ali funcionou a Escola Primária, a Estação do Telégrafo, a Cadeia, o posto da GNR, a Junta de Freguesia e a Biblioteca Pública. Os seus elementos mais atractivos, a que ninguém fica indiferente, são os mais antigos: a abóbada, o agulheiro que deixa passar a luz do dia, o troço medieval do pavimento e a chamada “gaiola pombalina”, usada na reconstrução das paredes depois do terramoto, para fazer o imóvel resistir a novos sismos.

COMEMORADA A MEMORIA
DE
SANTO THOMAZ DE SOUSA MARTINS
BENEFICENTE DA TERRA, VARIOZ COMPLETA
E FORTISSIMO PONTIFICAL, QUELLES QUE
AMOU COMO FILHO DO ALUMNO DA
SANTA MATEUS ESCOLA DE LUBOZ
28 ANNI LECTUS DE 1817 A 1846
NA FACULDADE DE MEDICINAS DE
LUBOZ NA ACADEMIA DO PAUL
20-10-1860



AVENIDA
SOUSA MARTINS
TERRA - 1000
ALMADENSE
FACULDADE DE MEDICINAS DE LUBOZ
←

MUSEU
DE ALHANDRA
CASA DO SENHOR MARTINS

135



PARTE II

Casas - Museus



CASA MUSEU
MÁRIO COELHO

Travessa
do Alcega

5

CASA-MUSEU MÁRIO COELHO

Travessa do Alecrim, 5
(Vila Franca de Xira)

Aberto ao público desde 2001, na casa onde o toureiro nasceu, em Vila Franca de Xira, o Museu Mário Coelho oferece uma visão intimista e espectacular sobre os 50 anos da carreira deste artista impar, que foi um dos melhores bandarilheiros do mundo e que depois disso se tornou – o que é raríssimo – um matador de toiros do mais alto nível. A curiosidade maior dos aficionados vai para o *traje de luces* desenhado por Picasso, de quem foi amigo, mas o espólio contém muitos objectos dignos de figurar numa qualquer história ilustrada da tauromaquia portuguesa.

Os muitos documentos e fotografias complementam na perfeição a sua passagem gloriosa pelas praças de toiros de Portugal, Espanha, México, Venezuela, Peru, Equador e Canadá. Lá está uma soberba cabeça de toiro embalsamada e dois dos mais cobiçados troféus tauromáquicos: o Prémio Mayte, arrebatado na Feira de San Isidro de 1966; e o Prémio Domecq, ganho em 1979 na gigantesca Praça de Toiros da Cidade do México, uma das maiores do mundo.

A criação do Museu Mário Coelho resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, a Junta de Freguesia local e o próprio toureiro, que comprou a casa com os primeiros dinheiros que ganhou.

Horário e Contactos:

Terça a Sexta, das 9.30 às 17.30

Sábado e Domingo, das 14 às 17.30

Tel: 263 272 920



TRÊS MIL TOUROS LIDADOS

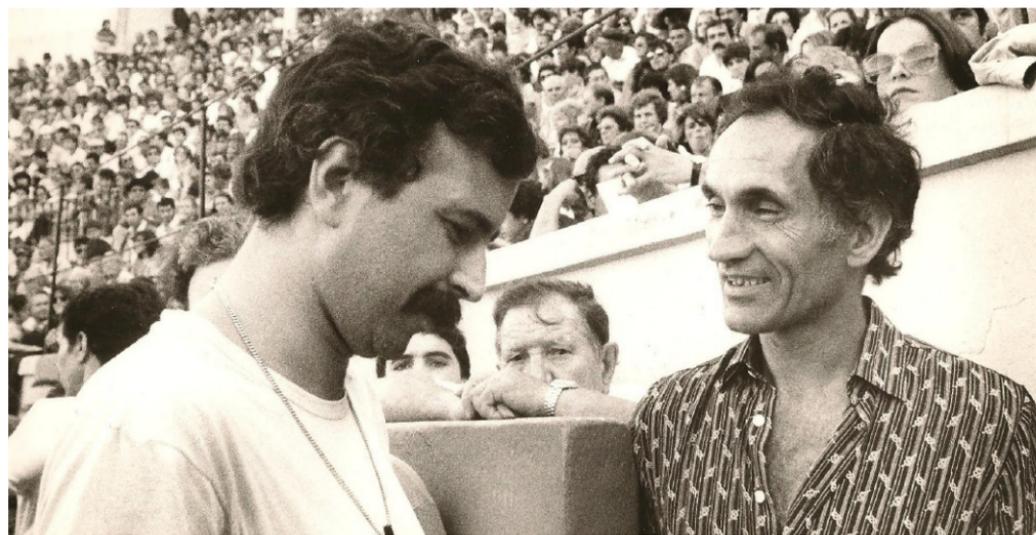


Filho de um campino, Mário Coelho Luís nasceu em Vila Franca de Xira a 25 de Março de 1936 e aqui manteve sempre a sua residência. Ao longo de 50 anos de carreira, participou em mais de mil e quinhentas corridas e lidou mais de três mil touros.

A paixão pelo *Festa Brava* começou logo em miúdo, muito por força da actividade profissional do pai, impulsionada pelo ambiente que se vivia em Vila Franca, terra de largadas, esperas e grandes corridas. Iniciou-se como bandarilheiro aos 19 anos, na Praça de Touros da Nazaré, e integrou as quadrilhas de vários toureiros famosos, entre os quais o mítico Manuel dos Santos. Numa caminhada invulgar, tomou alternativa como espada na Praça de Toiros de Badajoz, a 27 de Julho de 1967, estreando-se em Portugal dois dias depois, no Campo Pequeno.

Numa tarde memorável, perto de Sevilha, já depois de ter feito 72 anos, o “maestro”, como é designado em Espanha, levou uma vez mais a multidão ao delírio, “após uma lide soberba que culminou com a estocada de um novilho”, conforme noticiava O Mirante de 17 de Julho de 2008. Como prémio cortou duas orelhas e saiu em ombros da praça.

PROFISSÃO: MATADOR



Mário Coelho, entrevistado pelo autor, na Praça de Touros da Moita, em Setembro de 1984

A notoriedade de Mário Coelho ganhou a dimensão do País no dia em que o toureiro de Vila Franca de Xira decidiu assumir por inteiro a profissão de matador de touros. Aconteceu a 12 de Setembro de 1984, na Praça de Touros da Moita do Ribatejo. Depois de uma faena brilhante, que entusiasmou sol e sombra, desferiu e estocada mortal no “Corisco”, o toiro que acabava de lidar, levando a praça ao delírio. Levado em ombros pelas ruas da Moita pelos aficionados, foi logo no dia seguinte acusado do crime de desobediência, obrigado a comparecer perante os juízes, julgado e... absolvido.

A irreverência é, de resto, uma das imagens de marca deste homem po-

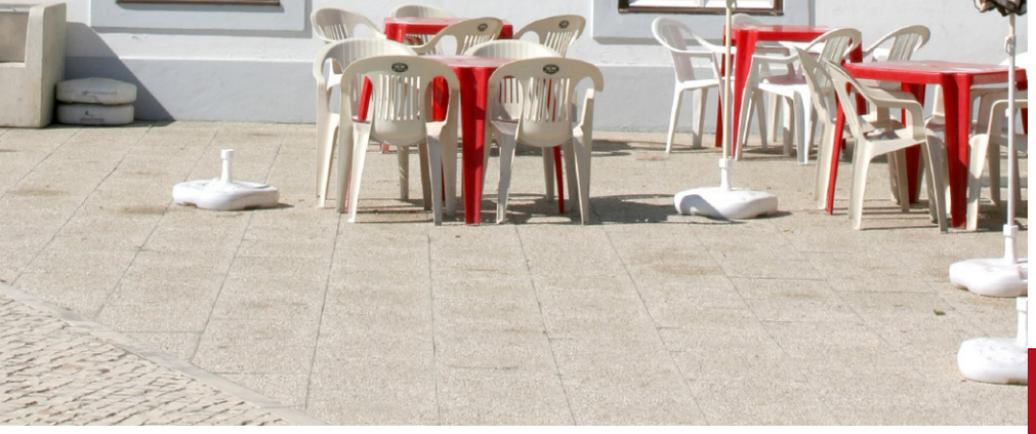
lémico, que ergueu a voz para explicar ao tribunal que, afinal de contas, o seu crime fora o de exercer na sua plenitude a profissão que escolheira e de que continuava a orgulhar. Conhecido mo mio por pensar em voz alta e dizer aquilo que pensa, Mário Coelho desperta amiúde sentimentos contraditórios. É difícil ficar-se-lhe indiferente.

Eternamente apaixonado por touros e mulheres, conheceu de perto, nas praças espanholas, no início dos Anos 60, outros amantes ímpares da *Fiesta*, como o Prémio Nobel da Literatura Ernest Hemingway, o genial realizador de cinema Orson Welles e Ava Gardner, a diva de Hollywood.



MUSEU

MUSEU
DE ALHANDRA
C/AL. DE JESUS MARTINEZ



CASA-MUSEU DR. SOUSA MARTINS

Largo do Cais, 2
(Alhandra)



Instalada na sua antiga residência de Alhandra, a Casa-Museu Dr. Sousa Martins abriu ao público em 1985 para cumprir a missão de divulgar a vida e actividade deste médico genial, que conseguiu curas espectaculares e protegeu generosamente os pobres. Também designada como Museu de Alhandra, a instituição cumpre ainda o objectivo de apoiar a realização de pesquisas sobre a obra do seu patrono e o património cultural da freguesia. Os trabalhos de investigação sobre os aspectos sociais e económicos, a industrialização e o associativismo em Alhandra merecem sempre uma atenção especial.

A ideia de criação do museu surgiu em 1962, aquando da exposição comemorativa do centenário da Sociedade Euterpe Alhandrense. Dois anos depois foi constituída uma Comissão Instaladora, de que faziam parte Álvaro de Oliveira Pais, Júlio Graça, António Eduardo Vieira, Orlando Martins, Alberto Graça e Luís Carvalho, que iniciou de imediato a recolha de documentos, fotografias e objectos. O edifício foi comprado em 1984, com verbas recolhidas numa subscrição pública.

A primeira grande doação, constituída por documentos relativos à História de Alhandra, foi feita pela Família Abel Botto e Sousa. O acervo reúne hoje inúmeros documentos, livros, quadros, fotografias, instrumentos de trabalho, objectos de uso quotidiano e colecções particulares, relativos à freguesia de Alhandra.

Ao longo da sua existência, a Casa-Museu já acolheu exposições de curta duração, de artistas plásticos, promovidas pela Câmara Municipal de



Vila Franca de Xira; e mostras temáticas sobre Afonso de Albuquerque, o Teatro Salvador Marques e figuras típicas de Alhandra.

Um programa de visitas-guiadas, especialmente vocacionado para fomentar o conhecimento das crianças que frequentam as escolas de Alhandra, funciona em permanência. Os miúdos saem sempre de lá com fotocópias de material sobre a História, que depois usam para fazerem trabalhos escolares.



As exposições permanentes distribuem-se por quatro salas: a Sala Dr. Sousa Martins, que guarda documentos e objectos de uso pessoal do médico; a Sala de Afonso de Albuquerque, preenchida por uma exposição etnográfica, onde se destacam os trajes relacionados com a festa Brava, campinos, bombeiros, bandas de música e, até, um enxoval tradicional de noiva; a Sala Baptista Pereira, criada em homenagem ao nadador que fez a primeira travessia do Tejo, com uma recolha documental sobre o Desporto em Alhandra; e a sala dedicada a Joaquim José Ferreira Gordo, com a mostra “Do Telhal à Fábrica”, que retrata o período pré-industrial e industrial.



Ali está representado também, com parte do espólio, o cavaleiro tauromáquico António Luiz Lopes (1893-1972), que lidava toiros em pontas e actuou com grande sucesso em Espanha, na França e no México.

O museu criou um Departamento de Publicações que já editou várias obras. Uma delas é a pouco conhecida biografia de Antero de Quental, escrita em 1874 por Sousa Martins. Seguem-se, em importância, dois trabalhos de investigação: “O Culto ao Dr. Sousa Martins”, de Pedro Teotónio Pereira; e “Lágrimas e Possessão”, de Anabela Gomes David. As outras são uma Monografia, um Roteiro promocional, um desdobrável, postais ilustrados sobre o património de Alhandra, um relato de memórias sobre as origens da vila, uma evocação de como ela era em 1930 e uma recolha de dados sobre figuras notáveis ali nascidas.

Horário e Contactos:

Quarta a Domingo
das 9.30 às 12.30
e das 14 às 17.30

Tel: 219 503 645

Email: Museu Alhandra

Site: <http://www.museusousamartins.org>

O MÉDICO MILAGREIRO

José Thomás de Sousa Martins nasceu numa família pobre de Alhandra, na zona ribeirinha, a 7 de Março de 1843. O pai, carpinteiro, morreu quando ele tinha 7 anos, forçando a mãe a entregá-lo aos cuidados de um tio, farmacêutico em Lisboa, logo que terminou a 4.ª classe. Iniciado marçano na farmácia da Rua de S. Paulo, junto ao elevador da Bica, depressa se revelou um exímio manipular de remédios e mezinhas. Atento, o tio passou-o a praticante de farmácia e mandou-o estudar. Os resultados foram surpreendentes: concluiu com notas altas o Liceu, foi admitido no curso de Farmácia, que concluiu com 21 anos, e logo a seguir no curso de Medicina, que acabou com 23.

Homem de inteligência superior e orador brilhante, dotado de grande sentido de humor, chega a professor catedrático e membro da Sociedade Farmacêutica Lusitana, da Sociedade de Ciências Médicas e da Academia das Ciências. No campo da investigação, torna-se a grande estrela dos meios clínicos e hospitalares, aplaudido por colegas, alunos e doentes.

As curas espectaculares que realiza, em doentes com tuberculose, então julgada incurável, criam-lhe a fama de milagreiro, que muitos pensam ter uma relação directa com a sua condição de Espírita. Os seus tratamentos são uma estranha mistura de acção psicológica, produtos naturais e medicamentos de laboratório. Começa aí a crença popular, que ainda hoje perdura. O povo e os espíritas veneram-no como “santo”, indiferentes ao facto de a Igreja Católica nunca ter confirmado os supostos milagres.

Em redor da estátua erguida em sua memória no Campo dos Mártires da Pátria, em Lisboa, próximo do Hospital de S. José, de que foi médico brilhante, pagam-se promessas e realizam-se rituais pagãos. Os devotos depositam ali flores e acendem velas, designando-o de «irmão».



OS ESCRITORES DE ALHANDRA



A biblioteca da Casa-Museu Dr. Sousa Martins guarda documentos sobre a História da freguesia e do Ribatejo e as obras dos denominados “escritores de Alhandra”, nem todos nascidos na vila, mas que a ela estão profundamente ligados. De Sousa Martins existem onze livros, a maioria dos quais sobre problemas médicos, pulmonares e cardíacos, da Febre-amarela à Tuberculose e à Medicina Legal. E lá está também a narrativa que produziu sobre a vida e obra de Antero do Quental (“Nosografia de Antero”, 1874)



Para além de Sousa Martins, encontram-se ali outros interessantes autores. Um deles é Soeiro Pereira Gomes, o mais carismático dos neo-realistas, que apesar de ter nascido em Gestação, no concelho de Baião (Porto), viveu a maior parte da vida adulta em Alhandra, onde casou. Mas há vários outros, como Júlio Graça, Salvador Marques ou Francisco Câncio, E ali estão também depositados os livros de memórias do Marquês de Rio Maior, da Marquesa de Alorna e do Conde do Lavradio.



De Soeiro Pereira Gomes, além de várias edições de “Esteiros”, a sua obra mais importante, lá estão também os livros mais marcadamente ideológicos, como “Contos Vermelhos”, “Engrenagem” e “Refúgio Perdido”.

Do cronista alhandrense Francisco Câncio, que realizou diversas investigações sobre a História de Lisboa e do Ribatejo, lá estão quase trinta obras.

O dramaturgo Salvador Marques, contemporâneo de Sousa Martins, está representado com treze livros, que reúnem as suas principais peças dramáticas. E Júlio Graça, falecido em 2006, escritor neo-realista e primeiro director do museu, tem lá a obra toda, em poesia e prosa, incluindo as suas “Histórias da Prisão”, publicadas pouco depois do 25 de Abril.

Júlio Graça
Salvador Marques
Sоеiro Pereira Gomes

DESCOBRIR AFONSO DE ALBUQUERQUE

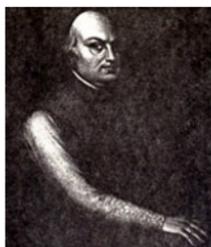
O espólio relativo ao almirante Afonso de Albuquerque, fundador do Império Português do Oriente, é um dos mais interessantes da biblioteca da Casa-Museu Dr. Sousa Martins. É constituído por mais de uma trintena de obras, publicadas entre 1886 a 1973.

Personagem que as novas gerações precisam descobrir, Afonso de Albuquerque, que nasceu em Alhandra em 1453, foi um genial estrategista militar e um grande diplomata. Em luta contra os “infiéis” (otomanos e árabes), conquistou Ormuz e Malaca, e instalou em Goa, onde morreu em 1515, a capital do Estado Português da Índia. Temperando as capacidades militares com a habilidade política, estabeleceu importantes acordos com os reinos da Etiópia, Sião e Pérsia, e mandou construir naquela parte do mundo inúmeras fortalezas na tentativa romântica de fixar as fronteiras de um Mar Português.

Além das suas cartas ao rei D. Manuel I, que fez dele Vice-Rei da Índia e Duque de Goa, e do seu testamento, o Museu de Alhandra guarda ensaios sobre ele escritos por Bulhão Pato, Henrique Lopes de Mendonça, Júlio Dantas, Costa Brochado, Mário Gonçalves Viana, Joaquim Veríssimo Serrão e António Baião.



O JACOBINO, O PRÍNCIPE E O HERÓI



Neste filão a explorar por investigadores e estudiosos da História de Portugal e da cultura portuguesa, há muitas preciosidades. Uma delas é o espólio de Joaquim José Ferreira Gordo (1758-1838), Bibliotecário-Mor da Biblioteca Pública da Corte no reinado de D. Maria I. Denunciado como jacobino, por aplaudir a Revolução Francesa, foi espiado e perseguido pela polícia, às ordens do intendente Pina Manique, conforme revelou anos mais tarde Eça de Queirós, n' "As Farpas". Lá está o seu "Promptuário Analítico dos Carros Nobres da Casa Real Portuguesa e das Carruagens de Gala", editado pela Imprensa Nacional.

Outra figura *presente* no Museu de Alhandra é o príncipe prussiano Félix Lichnowsky (1814-1848), que esteve vários anos ao serviço de D. Carlos, pretendente ao trono espanhol, e visitou Portugal em 1842. É o relato dessa viagem de dois meses, traduzido do alemão, que lá se encontra.

Compõe este fabuloso ramalhete Henrique Manuel da Torre Negra (1893-1983), herói da Batalha de Naulila (Angola, 1914), travada e perdida contra os alemães, que depois de desmobilizado se tornou cauteleiro em Alhandra e vendedor do Almanaque Borda-d'água. Autodidacta, o ex-soldado, cujo verdadeiro nome era Henrique Lamas, tornou-se um apaixonado pela obra de Camões e ajudou a fundar a Sociedade de Língua Portuguesa e a Associação Portuguesa de Esperanto. Os textos que escreveu sobre o autor de "Os Lusíadas" estão ali guardados, bem como a sua original poesia.

Felix Lichnowsky
Joaquim Ferreira Gordo
Henrique Torre Negra

UMA FAMÍLIA COM HISTÓRIA

Soeiro Pereira Gomes não é o único elemento da família representado no Museu de Alhandra. Ali se recorda também Francisco Filipe dos Reis, seu sogro e mentor político, um grande republicano, muito respeitado por desempenhar o importante cargo de chefe dos escritórios da Fábrica dos Cimentos Tejo.

Homem desassossegado, o “Senhor Reis” liderou várias iniciativas que na época fizeram história: no teatro amador, onde desempenhou papéis carismáticos; nas Festas de São João Baptista, onde introduziu a iluminação eléctrica e os cortejos com carros alegóricos; e nos primórdios das festividades carnavalescas, editando uma revista, em que Soeiro e sua filha, a pianista Manuela Cândio dos Reis, mulher do escritor, colaboraram. A tradição já vinha de trás: o seu sogro, José Pedro Cândio, tinha sido, anos a fio, o desejado presidente da Comissão de Festas.

Agitador republicano, Francisco Filipe dos Reis proferiu em Novembro de 1909, no Centro Democrático Alhandrense, uma importante conferência sobre a implantação da República... no Brasil, ocorrida vinte anos antes.

Manuela Cândio dos Reis, a mulher de Soeiro, tornou-se também uma figura pública, na época, não como pianista, que apesar do talento nunca lhe granjeou grande projecção, mas como compositora de música popular. Associando-se ao pai de Manuela, o casal participa na vida da comunidade, disponibilizando os seus conhecimentos sobre literatura, música, teatro e cinema. E o Teatro Salvador Marques está frequentemente em actividade.

Vítima de Soeiro Pereira Gomes fala de um casamento sem marido

Soeiro vive o nome de “Manuela” completaria 100 anos a 14 de Abril. Manuela Cândio Reis, a filha que pôde sempre ser mentida por causa das voltas da vida clandestina e da morte prematura do pai, apresenta o seu pai e o seu marido do casamento a decorrer na casa do pai. 28



Soeiro Pereira Gomes e
Manuela Cândio dos Reis, nos
Anos 30



Blue and white poncho

Red poncho

Black poncho

White blouse

Small label at bottom left

PARTE III

Outros Museus e Coleções



MUSEU DO A

544

MUSEU DO AR

Largo dos Pioneiros da Aviação
(Alverca do Ribatejo)



Aberto ao público desde 1971 no Complexo Militar de Alverca, junto à estação dos caminhos-de-ferro, o Museu do Ar exhibe a parte mais espectacular do património histórico da Força Aérea Portuguesa. Lá estão aviões, motores, hélices, instrumentos de navegação, cartas, armamento aéreo e fardamentos. Os painéis fotográficos explicam as origens da aviação e o que foi o Corpo Expedicionário Português e as Esquadrilhas a Moçambique e Angola (1917-18),

bem como as viagens aéreas transcontinentais nos anos 20 e 30. A sala dos pioneiros recorda personagens que fizeram história. Um deles é João Almeida Torto, enfermeiro em Viseu e astrólogo, que em 1540 tentou voar com asas de pano. Munido de sapatos com amortecedores, atirou-se da Torre da Sé de Viseu, caiu de pé e morreu. Administrado directamente pelo Estado-Maior da Força Aérea, o seu acervo, de elevado valor histórico, artístico e documental, está cuida-



dosamente preservado. Os objectos narram a História, a evolução e os grandes feitos da aviação militar e naval portuguesa.

O museu ocupa uma área de três mil metros quadrados, tendo na recepção uma loja que vende maquetas, livros, vídeos e postais. As aeronaves e as peças mais volumosas encontram-se expostas no pátio ao ar livre e na nave central, o principal pavilhão, onde se oferece ao visitante uma visão global do processo de conquista do espaço, do mito grego de Ícaro, o prisioneiro que sucumbiu ao sonho de voar, à chegada do Homem à Lua.

Horário e Contactos:

Segunda, das 10 às 17

Ou com marcação prévia

Tel: 219 67 89 92

Email: museudoar@emfa.pt

MEMÓRIAS DA GUERRA E DA PAZ

Alguns dos vinte aviões expostos no Museu do Ar, em Alverca, estão ainda operacionais. A colecção é absolutamente fascinante. Dos pequenos monolugares Jodel “Bébé” e Rolando de Oliveira à réplica do “Santa Cruz”, o avião utilizado por Gago Coutinho e Sacadura Cabral na travessia aérea do Atlântico Sul, a variedade é imensa. Os apaixonados pela aviação e os amantes do aeromodelismo podem ali apreciar o caça britânico Spitfire, o biplano de treino e acrobacia Tiger Moth ou o anfíbio bimotor Widgeon.

Da I Guerra Mundial, lá estão réplicas do Caudronl, um avião de reconhecimento, e um Maurice, Da II Guerra Mundial, um Widgeon, o bimotor anfíbio usado pela Marinha dos Estados Unidos; o Havilland Vampire, o jacto de guerra britânico do final da guerra, doado ao museu pela Força Aérea Sul-africana; um Piper, avião de ligação e correcção de tiro de artilharia; e o caça britânico Hawker Hurricane. Da Guerra da Coreia existe um



Sabre, avião de caça. E da Guerra Colonial portuguesa o monomotor sw origem norte-americana T-6.

A completar a mostra, exibem-se os planadores Grunau Baby e Schulleiter; o hispano-alemão Domier, dos Anos 50, que transportava seis passageiros; o Cessna, birreactor dos Anos 50; o jacto supersónico americano Northrop dos Anos 60; e o caça-bombardeiro Vought dos Anos 80.

A nave central é ladeada por duas salas. Uma delas é dedicada aos pioneiros e a outra, a chamada Ala Sul, é inteiramente dedicada à Guerra Colonial. Ali se mostram exemplares do material de guerra utilizado e se explicam métodos e estratégias.



COLECCÃO DE ARTE SACRA

ORLANDO D'ALMEIDA VIEIRA

Largo da Misericórdia
(Vila Franca de Xira)

Suplantando o valor intrínseco ao seu cariz religioso clássico, o acervo do Museu de Arte Sacra Orlando D'Almeida Vieira, que se encontra depositado num anexo da Igreja da Misericórdia de Vila Franca de Xira, tem características acentuadamente regionais.

Os altares de talha da igreja, construída no século XVIII naquele local, actual Largo da Misericórdia, onde no século XV existiu a Igreja do Espírito Santo e o seu Hospital, merecem, só por si, uma visita. E interessantes são também os painéis de azulejos de 1760, alusivos às denominadas catorze obras de Misericórdia. Estes elementos, e a arte sacra, não são o único património à guarda da Misericórdia. A ela está confiada também a Capela do Senhor da Boa Morte, em Povos.

Fundada no séc. XVI, a Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca de Xira, presta apoio social domiciliário e em lares da Terceira Idade.



Contactos:

Acesso muito condicionado
Tel; 263 287 300



MUSEU ETNOGRÁFICO

Dia da Cidade



MUSEU ETNOGRÁFICO DE VILA FRANCA DE XIRA

Praça de Touros Palha Blanco
(Vila Franca de Xira)



As profissões tradicionais da lezíria e as actividades laborais ligadas ao Tejo enformam o essencial da exposição permanente do Museu de Etnografia de Vila Franca de Xira, aberto ao público no interior da Praça de Touros Palha Blanco, no Campo 5 de Outubro. Naquele que é o mais prestigiado tauródromo ribatejano, confiado à responsabilidade da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca de Xira, a Festa Brava merece um destaque especial. Ali se exibem, em manequins trajados a rigor, *trajes de luces*, farpas, selins e arreios das montadas, mantas, alforges e diversos instrumentos de trabalho.

O vestuário tradicional dos pescadores varinos e avieiros que demandaram o Tejo, pode também ali ser apreciado. E há uma multiplicidade

de quadros, estatuetas e objectos avulsos, para além das fotografias e postais que podem ser adquiridos na loja que ali funciona.

Gerido pela Comissão de Assistência e Habitação Social do Governo Civil de Lisboa, o museu foi criado em 1972 por Maria Micaela Soares, que assumiu a direcção. Fechado às segundas-feiras e aos feriados, proporciona visitas guiadas gratuitas a grupos, até ao limite máximo de 30 pessoas, mediante marcação prévia.

Horário e Contactos:

Terça a Sexta, das 10 às 12.30 e das 14
às 18

Sábadas e Domingos, das 10 às 12.30

Telefone: 263 273 057



COLEÇÃO ETNOGRÁFICA DA CASA DO POVO DE ARCENA

Rua Dr. José Vieira, 28
(Arcena Pequena, Alverca do Ribatejo)



Um vasto conjunto de mais de 1600 peças, representativas dos hábitos e costumes, trabalho e vida privada das populações de Alverca do Ribatejo formam o espólio do Museu Etnográfico da Casa do Povo de Arcena. Há ali de tudo, incluindo velharias, como nas grandes casas de antiguidades: vestuário (masculino feminino e infantil), ferramentas de trabalho, lanternas, relógios de sol, pautas de música, louças, garrafões, guizos, arreios, cordas, cestos, mantas, botas, vassouras. Recolhidas pelo Rancho Folclórico da Casa do Povo de Arcena, criador do museu, as peças mostram como era a vida dos trabalhadores rurais e dos pescadores do concelho no

período compreendido entre 1880 e 1935. A coleção é o resultado de uma cuidada pesquisa e reconstituição, baseada nas lições clássicas de etnografia ensinada pelos livros, nas descrições verbais dos habitantes mais idosos e na análise de fotografias de outros tempos. Muitos dos objectos foram recolhidos nos sótãos das casas das famílias mais antigas. Do canivete ao garfo ou à colher de estanho, tudo é aproveitado: fotografias, objectos em barro e latão, documentos, roupa usada pelos campinos da lezíria e pelos salineiros de Alverca.

Contacto:
Tel: 219 580 816



BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Geral

AAVV (s/d), *Alverca Cidade do Futuro*, Algueirão, Widenation.

AAVV (2005), *Dos Anos Quarenta aos Anos Sessenta - Um Tempo um Lugar*, Dez exposições gerais de artes plásticas, inauguradas a 23 de Setembro de 2005 no Celeiro da Patriarcal, em Vila Franca de Xira.

AAVV (1985), *Figuras Notáveis nascidas na Vila de Alhandra e no seu Concelho extinto em 1855*, Alhandra, Museu de Alhandra - Casa Dr. Sousa Martins.

AAVV (2008), *Ilustração & Literatura Neo-realista*, Vila Franca de Xira, Museu do Neo-Realismo

AAVV (1991), *O Concelho em que Vivemos*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

AAVV (1998), *O Concelho em que Vivemos*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

AAVV (2007), *Plano de Ordenamento e Gestão para a Reserva Natural do Estuário do Tejo – Etapa 1-Descrição, Volume III*, Lisboa, Hidroprojecto, Engenharia e Gestão SA / Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade

COELHO, Mário (2005), *Da Prata ao Ouro - História de Um Toureiro*, Lisboa, Edições Dom Quixote

DAVID, Anabela (1996), *Lágrimas e Possessão*, Alhandra, Edição do Museu de Alhandra.

FERREIRA, Anabela (2009), *Fragments de Alverca: História e Património*, Alverca do Ribatejo, Edição da Junta de Freguesia.

PACHECO, José do Carmo (1995), *Monografia de Alverca*, Alverca, Edição da Junta de Freguesia, 1998.

PAIS, José Machado (1994), *Sousa Martins e Suas Memórias Sociais*, Lisboa, Gradiva.

PEREIRA, Pedro Teotónio (1996), *O Culto ao Dr. Sousa Martins*, Alhandra, Edição do Museu de Alhandra.

SERRÃO, Joel dir. (1989), *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas.

Periódicos

AAVV (2003), *Vila Franca de Xira, um concelho com memória*, Vila Franca de Xira, revista municipal, n.º 6, Outubro.

CARNEIRO, Daniel R. (2007), *Museu do Ar: asas da história do país irmão*, Asas, revista de Cultura e História da Aviação, n.º 37. São Paulo. Junho Julho.

Diário de Notícias (2007), edição de 20 de Outubro.

Documentos on-line

Portal de Alverca
<http://www.portalalverca.com>

Site Jornal O Mirante
<http://www.omirante.pt/>

Site de Pacheco Pereira
<http://www.estudossobrecomunismo.weblog.com>

Site da Casa-Museu Dr. Sousa Martins
www.museusousamartins.org



CONTACTOS

POSTO DE TURISMO

Vila Franca de Xira
263 285 605
turismo@cm-vfxira.pt

MUSEU MUNICIPAL - NÚCLEOS

Sede

Vila Franca de Xira
263 280 350
sede@museumunicipalvfxira.org

Núcleo Museológico

Alverca
21 957 03 05

Arte Sacra

Vila Franca de Xira
263 285 620 / 263 288 337

Barco Varino

Vila Franca de Xira
263 280 350 | 263 280 460
turismo@cm-vfxira.pt

Museu Neo-realismo

Vila Franca de Xira
263 285 626
neorealismo@cm-vfxira.pt

JUNTAS DE FREGUESIA

Alhandra

21 951 90 50
geral@jfalhandra.mail.pt

Alverca do Ribatejo

21 958 76 80
geral@jf-alverca.pt

Cachoeiras

263 272 590
jfcachoeiras@mail.telepac.pt

Calhandriz

21 958 81 30
jf_calhandriz@iol.pt

Castanheira do Ribatejo

263 299 747
jf.castanheira@mail.telepac.pt

Forte da Casa

21 953 31 00
jf.fortedacasa@mail.pt

Póvoa de Santa Iria

21 953 96 90
geral@jf-povoasantairia.pt

S. João dos Montes

21 950 07 01
j.f.s.joao.montes@net.novis.pt

Sobralinho

21 950 05 41
secretaria@jf-sobralinho.pt

Vialonga

21 952 09 67
geral@jf-vialonga.pt

Vila Franca de Xira

263 200 770
freguesia@jf-vfxira.pt

